

ENSINO, SAÚDE E AMBIENTE

Ansiedade no ensino médio integrado: o que dizem os estudantes

Anxiety in integrated high school: what students say

Weysla Paula de Souza Lopes Dutra;  ^{I*} Cledir de Araújo Amaral;  ^I

^I Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre, Rio Branco, AC, Brasil

Palavras-chave:

Ansiedade; Covid-19; Estudantes; Educação Profissional; Ensino Médio Integrado.

Resumo: O Brasil é o país com a população mais ansiosa do mundo e a pandemia de Covid-19 tem potencializado esse transtorno. Entre adolescentes, além do contexto pandêmico, as diversas mudanças biológicas, sociais e culturais que caracterizam essa fase e mais estritamente os processos de formação no ensino médio e a exigência de seguir uma carreira profissional constituem elementos potenciais para o desenvolvimento e agravamento da ansiedade. O presente estudo buscou investigar os conhecimentos e os fatores do ambiente escolar relacionados à ansiedade em estudantes do ensino médio integrado no Instituto Federal do Acre, *Campus* Rio Branco. Trata-se de um estudo qualitativo, com realização de grupos focais *online*, cujos dados foram analisados sob o prisma da Análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Como resultados observou-se que relacionados ao ambiente escolar diversos fatores podem contribuir para o surgimento e ou agravamento dos problemas de ansiedade, tais como: adaptação à nova realidade e rotina escolar, quantidade de disciplinas e exigência dos professores, tanto das áreas técnicas como das propedêuticas, também a pressão familiar por bom desempenho, outrossim, é bem expressiva a preocupação com a realização do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e com as decisões sobre o futuro acadêmico e profissional. Outro achado é ponderação dos estudantes a respeito de situações que auxiliam na redução da sintomatologia ansiosa, como a existência de apoio psicológico, a interação com os colegas e as ações de pesquisas e extensão ofertadas pela instituição.

Keywords:

Anxiety; Covid-19; Students; Vocational Education; Integrated High School.

Abstract: Brazil is the country with the most anxious population worldwide, and the Covid-19 pandemic has potentiated this disorder. Among adolescents, besides the pandemic context, the various biological, social and cultural changes that characterize this phase, and more strictly the processes of training in high school and the requirement to follow a professional career, constitute potential elements for the development and worsening of anxiety. This study was intended to investigate the knowledge and factors of the school environment related to anxiety in students of integrated high school at the Federal Institute of Acre, Rio Branco Campus. This is a qualitative study, performed through the formation of online focus groups, whose data were analyzed under the viewpoint of the Analysis of Collective Subject Discourse (CSD). As results, it was observed that several factors related to the school environment may contribute to the emergence or worsening of anxiety problems, such as: adaptation to the new reality and school routine, number of subjects and demands from teachers, both in technical and introductory areas, as well as family pressure for good performance. Moreover, the concern with the National High School Exam (ENEM, as per its Portuguese acronym) and with the decisions about the academic and professional future is very expressive. Another finding is the judgment on the part of students about situations that help to reduce anxiety symptoms, such as the existence of psychological support, interaction with colleagues, besides the research and extension activities offered by the institution.

* Endereço para correspondência: Av. Brasil, nº 920, Xavier Maia, Rio Branco, AC, Brasil. E-mails: weysla.lopes@ifac.edu.br, cledir.amaral@ifac.edu.br



Introdução

A adolescência é uma questão social, delimitada pelos costumes culturais de cada sociedade ou grupo (Breton, 2017). Algumas instituições buscam delimitá-la em faixas etárias, desta feita, a Organização Mundial de Saúde (OMS) considera a adolescência o período compreendido entre os 10 e os 19 anos, a Organização das Nações Unidas (ONU) declara o intervalo entre 15 e 24 anos (Estrela, 2018). No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera a faixa etária entre 12 a 18 anos (Brasil, 1991).

A Constituição Federal de 1988 assegura “o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária” (BRASIL, 1988) relativos a adolescência e juventude. O estudo em tela foca, nos estudantes do ensino médio integrado, partindo da concepção de politecnia e da formação humana integral (Ramos, 2014).

O ensino médio integrado (EMI) é uma modalidade da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) a qual possui como marco histórico a criação das Escolas de Aprendizizes e Artífices, em 1909, com formação para o trabalho voltada para atender os pobres e filhos de trabalhadores em detrimento à educação propedêutica, destinada à classe dirigente (Ramos, 2014). Visando romper com essa dualidade os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, caracterizam-se pela oferta de EPT da educação básica ao ensino superior, com o propósito de formação humana, cidadã visando o desenvolvimento da autonomia intelectual através da integração entre ciência, tecnologia e cultura (Pacheco, 2010). Em outras palavras, o EMI é a convergência da formação dita propedêutica de nível médio com a formação profissional de nível técnico visando preparar o estudante para atuar no mundo do trabalho de maneira crítica, autônoma e criativa.

Entretanto, a experiência no ensino médio integrado, associada às diversas mudanças envolvidas na adolescência, configura-se em um período repleto de desafios, pois exige o ajuste na transição da antiga escola do ensino fundamental à integração a novos grupos e a adequação à nova escola, além disso o EMI possui algumas características não encontradas nas escolas de educação de ensino médio comuns. Neste sentido, Maltoni (2017) chama a atenção para a percepção dos estudantes do ambiente escolar, a qual pode figurar como um fator de risco ou de proteção para a saúde, uma vez que a percepção positiva está associada ao engajamento e a melhora no desempenho acadêmico, por outro lado, a percepção negativa está relacionada com risco elevado de sintomas de ansiedade e depressão, consumo de substâncias e fatores de abandono e desistência da escola.

Atentos aos dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) que apontam o Brasil como o país, cuja população atinge o maior índice de ansiedade do mundo, chama-nos a atenção a prevalência de cerca de 20% entre adolescentes de 10 e 19 anos que sofrem com problemas de saúde mental, ocorrendo a metade desses casos por volta dos 14 anos de idade e não possuem diagnóstico e tratamento, apesar da grande presença de comorbidades (World Health Organization, 2017; Organização Pan-Americana De Saúde, 2018).

A Associação de Psiquiatria Americana, no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) salienta que a ansiedade é uma resposta natural do organismo ao meio em que vivemos, funciona como sinal de alerta e auxilia na proteção do indivíduo à possíveis perigos. Entretanto, quando as reações passam a ser intensas, frequentes e prejudiciais ao dia a dia, pode ser indício de uma situação patológica que deve ser avaliada por profissionais da área de saúde (American Psychiatric Association, 2014).

Vivenciamos a pandemia de Covid-19, oficialmente declarada pela OMS em 11 de março de 2020, além das questões diretamente relacionadas à contaminação com a doença e ao processo de luto, vários outros aspectos vêm atingindo a população mundial. A mudança repentina no cotidiano e os impactos decorrentes das medidas de isolamento social, da diminuição da mobilidade e do fechamento das escolas têm afetado direta e indiretamente os adolescentes, podemos destacar questões como: a redução de emprego e renda familiar, os prejuízos na socialização, as questões de ensino e desenvolvimento, o aumento da violência familiar, o dano nas questões alimentares e o medo do futuro que afetam a saúde mental (Fundação Oswaldo Cruz, 2020).

No que se refere ao transtorno de ansiedade entre adolescentes, ainda em períodos antes da pandemia, um estudo nacional de Lopes *et al.* (2016) demonstra a prevalência de 30% dos chamados Transtornos Mentais Comuns (TMC), ou seja, aqueles que apresentam sintomas de depressão e ansiedade. A pesquisa de Martins e Cunha (2021) com adolescentes do EMI apontou maior média de pontos relacionadas à ansiedade, medidas por duas diferentes escalas, entre meninas em relação aos meninos ($44 \pm 11,08$ vs. $31 \pm 11,89$ e $46 \pm 10,68$ vs. $38 \pm 9,46$, ambas com p -valor $< 0,001$).

Panda *et al.* (2021) realizaram uma metanálise de 15 estudos sobre o impacto psicológico e comportamental entre crianças, adolescentes e cuidadores decorrente do Covid-19, totalizando 22.996 participantes e concluíram que 34,5% sofreram com ansiedade. Durante audiência na Câmara dos Deputados, realizada no dia 17 de junho de 2021, o coordenador da pesquisa Jovens na pandemia, Dr. Guilherme Polanczy, citou dados

preliminares que apontam que durante a pandemia, um em cada quatro jovens sofreram com sintomas de depressão e ansiedade no Brasil (Câmara dos Deputados, 2021).

Partindo da experiência cotidiana atuando junto ao ensino médio integrado de uma instituição federal, onde pudemos observar a crescente ocorrência de situações que se assemelhavam a crises de ansiedade e ou ataques de pânico, considerando o apontamento na literatura sobre a necessidade de cuidado com a saúde mental dos adolescentes e consoante à escassez de trabalhos com foco no ensino médio integrado, buscamos investigar os conhecimentos e os fatores do ambiente escolar relacionados à ansiedade em estudantes do ensino médio integrado no Instituto Federal do Acre.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, partindo da visão, experiências e sentimentos dos sujeitos pesquisados na busca da compreensão dos fenômenos do cotidiano envolvidos na ansiedade (Alvântara; Vesce, 2008).

O estudo foi realizado no *campus* Rio Branco do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre (Ifac). O Ifac possui atualmente seis *campi* localizados nas regionais macroeconômicas do Acre com oferta de cursos técnicos (integrados ao ensino médio e subsequentes), graduação (cursos de tecnologia, licenciaturas e bacharelados), além de pós-graduação (*lato* e *stricto sensu*), contato com 6.548 matrículas, no ano base 2020, conforme dados da Plataforma Nilo Peçanha (2021).

O *campus* Rio Branco, maior em número de servidores, cursos e de estudantes. Só no EMI o *campus* atende aproximadamente 450 estudantes nas três séries, entre os três cursos ofertados, a saber: Técnico em Edificações, Técnico em Redes de Computadores e Técnico em Informática para Internet, sendo este o *locus* de onde foram selecionados os 26 participantes do presente estudo, por intermédio de manifestação voluntária oriunda de convite repassado aos estudantes através dos líderes de turma. O critério de inclusão foi possuir de 14 a 18 anos de idade e ser estudante regularmente matriculado em algum dos cursos técnicos integrados ao ensino médio do *campus* Rio Branco. Foram critérios de exclusão estudantes que não estão com frequência regular nas atividades escolares. Esta pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

A coleta de dados se deu com a técnica de grupo focal (GF), que consiste na reunião de um pequeno grupo de pessoas com o objetivo de aprofundamento sobre uma determinada temática (Barbour, 2009; Minayo; Costa, 2019), de modo a auxiliar na compreensão de

práticas, ações, reações, comportamentos e atitudes e oportuniza a percepção de perspectivas diferentes, bem como, de ideias partilhadas (Gomes; Telles; Roballo, 2009).

Em virtude da necessidade de distanciamento social imposto pela pandemia de Covid-19 foram realizados grupos focais *online* ancorados na proposta de Brkanitch Filho (2012), por meio de webconferência da plataforma *Google Meet* com a participação dos estudantes em suas casas, a exemplo de suas aulas e demais atividades escolares que ocorriam de maneira remota.

Os dados coletados foram analisados sob os fundamentos da técnica de análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) que possui fundamento na teoria das representações sociais que são conjuntos de conhecimentos socialmente elaborados e repassados num determinado grupo social (Minayo, 2014).

O DSC realiza o agrupamento de falas semelhantes ou complementares num discurso-síntese registrado em primeira pessoa do singular sem a identificação ou separação dos falantes (Lefevre; Levefre; Marques, 2009). Desse modo, consideramos a inter-relação do objeto com o todo (a sociedade) e não apenas como fato isolado.

Os estudantes selecionados foram distribuídos em quatro grupos focais, conforme manifestação de disponibilidade de horários e datas, cuja duração de cada grupo variou entre 01h e 01h30min e representou a primeira rodada de encontros. As reuniões foram conduzidas pela pesquisadora, contou com um pesquisador observador e apresentou a participação de 19 dos 26 estudantes inicialmente selecionados, conforme caracterização abaixo (Tabela 1).

Tabela 1 – Características dos estudantes da fase inicial do estudo por curso

Variáveis	Edificações	Redes de Computadores	Informática para internet
Sexo			
Masculino	02	02	03
Feminino	02	05	05
Idade			
15 anos	01	01	01
16 anos	01	-	01
17 anos	02	02	02
18 anos	-	04	04
Série			
1º ano	02	01	02
2º ano	01	02	04
3º ano	01	04	02

Fonte: elaboração própria (2022)

Foi seguido um roteiro com questões norteadoras versando sobre: informações acerca da vida pessoal, familiar e social do estudante durante o período de suspensão das aulas pelo Covid-19 (saúde, política e econômica e relações sociais); conhecimento dos

alunos sobre a ansiedade (sinais e sintomas, consequências – pessoais, acadêmicas e sociais –, prevenção e enfrentamento); experiências com a ansiedade (pessoais, familiares ou de colegas do Ifac); percepção dos sinais e sintomas da ansiedade relacionados às atividades escolares antes e durante a Pandemia – com a suspensão das aulas; percepção da ansiedade com a expectativa de retorno às atividades escolares na pandemia de Covid-19; proposições de ideias para auxiliar no enfrentamento da ansiedade.

Contudo, em virtude do escopo do presente estudo suas análises centraram-se exclusivamente em duas questões: “O que vocês entendem por ansiedade?” e “Vocês acreditam que o Ifac de alguma forma contribui para o aumento da ansiedade ou, pelo contrário, o Ifac ajuda a diminuir a ansiedade?”

Resultados e discussão

As análises das respostas sobre o que os estudantes entendiam por ansiedade permitiu encontrar seis DSCs a partir das ideias centrais: definição, sinais e sintomas, causas/fatores gerais, redes sociais e autoestima, questões familiares e questões escolares; sendo o medo de uma ameaça potencial no futuro o elemento central do conceito presente nos discursos o que nos permite inferir que os estudantes possuem compreensão do que é a ansiedade. Além disso, chama-nos a atenção a percepção de que se trata de um transtorno que afeta grande parte dos estudantes do ensino médio, frisando a existência de grupos sociais mais suscetíveis, em especial o feminino, grupos étnicos específicos e LGBT¹ (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgênero) em decorrência dos problemas sociais (Quadro 1).

Quadro 1 - Apresentação das ideias centrais e dos DSC sobre o que os estudantes entendem por ansiedade

Ideias Centrais (IC)	Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)
A - Definição	A ansiedade é algo natural do ser humano. Ter medo, uma preocupação de algo que pelo menos o meu entender é algo que nasce primeiro na cabeça, no interior, no pensamento e vai afetando o corpo, vai afetando no geral, começa a afetar a vida da pessoa, essas preocupações ao qual não são realmente relevantes. É você querer, a pessoa querer antecipar uma coisa que não foi vivenciada ou algo que ainda não chegou. Quando eu começo a fazer as coisas e falo “não, vai dar errado” porque eu não consigo ou é medo do que pode acontecer, simplesmente a minha cabeça me joga para o futuro, eu não consigo pensar no agora, eu fico querendo pensar no que vai acontecer amanhã e isso me deixa simplesmente sem conseguir respirar. Ela é bem predominante na sua porcentagem máxima dos alunos, na sua grande maioria, tanto a maioria sendo no público feminino. No IF é algo bem alarmante, o que a gente sabe que não são poucas pessoas, a gente sabe que são um, dois, é um em cada turma, não! São 80% mais

⁴ A sigla que foi ampliada para LGBTQIAPN+ visando representar à diversidade da identidade de gênero das pessoas que não se enquadram no padrão cisgênero, passando a abranger Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer/ Questionando, Intersexo, Assexuais/ Arromânticas/ Agênero, Pan/ Poli, Não-binárias e mais (<https://orientando.org/o-que-significa-lgbtqiap/>).

	ou menos assim. Existem grupos de pessoas que estão mais suscetíveis, a gente vê que no ensino médio e tem uma diversidade muito grande né, então assim, grupos étnicos diferentes tem uma, uma, por toda essa questão social, vão ter também mais problemas com ansiedade, é pessoas LGBT. (DSC-A – respondentes: P1, P3, P5, P7, P8, P9)
B - Sinais e sintomas	Cada pessoa acaba sentindo coisas diferentes, tendo sensações diferentes, eu tenho ataque de pânico. A sensação era que meu coração ia sair para fora do peito, teve uma crise que minhas mãos fecharam e eu achei que eu fosse morrer. Eu estava deitada na minha cama tentando dormir, aí ficava meu Deus e agora? E agora? Aí eu comecei com uma crise, eu não conseguia respirar, aí eu começava a chorar, aí eu ficava chorando e não conseguia respirar, aí eu toda vez que eu tenho crise quero puxar o cabelo, fico me coçando, fico me batendo. Começou assim, uma tremedeira, aí as mãos começaram a ficar geladas, os pés, a boca seca assim, sabe e a tremedeira não passava, minha mãe segurava minhas pernas, mas continuava tremendo sabe, e o coração assim muito acelerado e aquele sufoco, aquela pontada no peito, daí quando eu cheguei lá, aí disseram que são sintomas de ansiedade. (DSC-B – respondentes: P5, P12, P 13, P15)
C - Causas/ fatores gerais	Creio eu que seja a prototipação de uma vida perfeita. Cada um tem seus agregadores, tem o fator social que você quer ser aceito na sociedade, você quer fazer uma faculdade boa, você quer ser respeitado, a outra também é a pressão da família de você não virar um vagabundo ou você virar um “Zé Ninguém”. Não é só você ou não é só sua família ou não é só a escola, são um conjunto de coisas que te levam a pensar e te levam a começar a se julgar e começar a pensar que seu futuro vai dar errado. Tem a ver com o grupo que você tá dentro da sociedade, da sua renda, da sua família, e escola, como você se vê, todos esses fatores, eles vão influenciar. Pra mim, qualquer coisa, qualquer coisa, é um gatilho, qualquer coisa mesmo, assim eu meio que adquirir um trauma, então tinha momentos que eu me pegava no dia parado me tremendo. (DSC-C – respondentes: P1, P3, P7, P9, P12, P18)
D - Redes sociais e autoestima	Bom, a sociedade sim, é maior culpado. As redes sociais também, as redes sociais faz você se comparar muito com as outras pessoas e tentar o tempo todo ser que nem elas, tentar, tentar ter uma vida boa para mostrar, para mostrar para os outros e é isso, é isso basicamente o que as redes sociais fazem a gente querer sempre ser melhor pro outro não para nós mesmos, é sempre tentar ser melhor para impressionar todo mundo, muitas vezes quando a gente vai ver o Instagram ou qualquer outra rede social, você olha para a sua vida e você diz: Nossa! Eu tenho que ser, eu tenho que alcançar aquilo, tem que ser desse jeito, porque as redes sociais impõe, a gente querendo ou não, a ter essa comparação entre minha vida e a vida de uma pessoa famosa. E realmente, antes eu tinha meu Facebook e Instagram eu ainda tenho, mas eu não uso mais, eu não tenho mais instalado no meu telefone. Eu cheguei a ter uma, uma crise existencial tão grande por conta do Twitter que eu chorava só de ver. Quem tem uma autoestima mais baixa, que é mais inseguro, tem uma tendência a ter mais problemas com ansiedade. Quando sua autoestima ela é baixa acho que a ansiedade cai mais, acho que o que causa muita ansiedade nas meninas, é a autoestima. (DSC-D – respondentes P7, P9, P13, P14, P15, P16, P18)
E - Questões familiares	Os comportamentos que a gente se sente na própria casa e isso influencia muito para gente ficar às vezes, muito pensativo e o que leva para ficar com ansiedade muito alta, a gente põe em si mesmo a pressão, e tem a pressão também querendo ou não da família. Depende muito da personalidade da pessoa e dos valores que essa pessoa adquiriu né, no contato com a sociedade e com no berço familiar, que ela nasceu, inclusive, se você tem uma família, não sei, uma família, é diferente, você sabe que tem vários tipos de famílias. Acho que isso varia muito de pessoa para pessoa, as pessoas que são mais, mais abertas, as pessoas que são mais tímidas, as pessoas que assim, assim geral, de modo geral falando as pessoas que têm personalidades variadas, então, eu acho que principalmente o que influencia são os valores

	adquiridos por essa pessoa desde o berço, seu berço familiar até o contato com a sociedade. (DSC-E – respondentes P2, P14, P18)
F - Questões escolares	Desde o primeiro ano né, a gente tem de tipo: "Nossa no terceiro ano vai ser o ano que eu tenho que passar no Enem, porque eu tenho que fazer uma faculdade, porque eu tenho que passar na federal, porque a melhor universidade, eu tenho que fazer isso porque meu futuro depende disso. Eu penso: cara, se eu não passar no Enem, que que eu vou fazer da minha vida? Que que eu vou fazer? Se não passar na escola? Se eu tirar nota baixa? A primeira vez que eu tive uma crise foi quando eu pensei demais no Enem cara, foi no início desse ano quando eu tava estudando a mais do que eu realmente podia e eu comecei a chorar achando que eu não ia passar e eu ainda não tinha feito a minha, literalmente a minha prova e eu tava me baseando no meu desespero, nas minhas frustrações, passei a noite todinha chorando. Pensando que no terceiro ano né, no meu caso, que eu tenho que escolher o que eu quero, o que eu tenho que fazer pro resto da minha vida, praticamente, é, é uma pressão enorme em cima da gente. A gente pensa que com 19 anos vou entrar na minha faculdade, e aí já vou estar na minha faculdade porque eu vou passar do meu ensino médio para minha faculdade, seja medicina, seja advocacia, seja qualquer faculdade, assim boa que dê dinheiro porque a gente sempre veio alimentando essa de que para ter uma faculdade boa, é teria que ser essas de alto padrão, teria que ser essas difícil a gente também veio sempre pensando em ter nosso próprio dinheiro, em ter o nosso próprio futuro em ser independente muito, muito cedo. Algo que influencia muito a ansiedade hoje em dia, eu falo por mim porque eu sou uma pessoa que eu sofri muito <i>bullying</i> quando era criança, zoaram de mim e fizeram brincadeira maldosas comigo, por eu ser diferente sempre fui zoadado, por ser diferente e, assim, isso faz a gente pensar. (DSC-F – respondentes: P5, P7, P12, P14, P15, P18)

P = participante

Fonte: Elaboração própria (2021)

A definição trazida pelo DSC-A sobre o que é ansiedade, revela alinhamento ao conceito apresentado por Silva (2011) frisando que há uma parceria indissociável entre medo e ansiedade e que ambos desempenham uma função primordial de defesa perante algum perigo ou ameaça eminente. O medo é uma emoção inata, herança de nossos ancestrais que o desenvolveram como forma de proteção, uma vez que, tal sensação produz em nosso corpo uma carga de adrenalina que permite uma rápida reação física extremamente necessárias para a sobrevivência. De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) os transtornos de ansiedade são “medo e ansiedade excessivos e perturbações comportamentais relacionados. Medo é a resposta emocional a ameaça iminente real ou percebida, enquanto ansiedade é a antecipação de ameaça futura” (American Psychiatric Association, 2014).

Na direção do que foi apontado pelos estudantes quanto ao elevado número de casos no Ifac, o Estudo de Riscos Cardiovasculares em Adolescentes (Erica) realizado entre adolescentes com idade de 12 a 17 anos observou a prevalência geral de 30% com o chamado Transtorno Mental Comum (TMC), que é a associação de sintomas de depressão e ansiedade. Na região norte do país foi observado maior prevalência de TMC entre meninas (de 15 a 17

anos) tanto de escolas privadas (53,1%) como das escolas públicas (44,9%), respectivamente (Lopes *et al.*, 2016). O estudo realizado por Dalbosco, Grolli e Wagner (2017), que aplicou o Inventário de Ansiedade de Beck (BAI) numa amostra de adolescentes, entre 16 e 19 anos, concluiu que a ansiedade atinge mais o sexo feminino, com prevalência de 13,3% para o estado grave, 20% moderado e 6,7% leve, em comparação com o sexo masculino, que apresentou prevalência de 10% para sintomas moderados e 22,5% em nível leve. Martins e Cunha (2021) em sua pesquisa sobre ansiedade na adolescência em estudantes do ensino médio integrado, na qual participaram 257 estudantes, entre 14 e 18 anos, destacam uma maior frequência de sintomas ansiosos entre as meninas, média de 44 pontos, *versus* 31 pontos entre os meninos. Tais dados corroboram nossas observações no discurso dos estudantes do Ifac.

Atentamos que a pandemia e os fatores decorrentes dela, acarretaram prejuízos nas questões de saúde mental conforme alertam instituições como OMS, inclusive, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) estima que globalmente mais de um em cada sete crianças e adolescentes, entre 10 e 19 anos apresente transtorno mental diagnosticado (Fundo Das Nações Unidas para a Infância, 2021a).

Ponderamos que a estimativa citada pelos adolescentes no DSC-A referente a um percentual de 80% de estudantes afetados com sintomas de ansiedade no Instituto, oriunda na observação empírica dos discentes, denota uma possível generalização de sinais e sintomas entre ansiedade normal e patológica. Durante a pesquisa os estudantes exprimiram a importância de estarem sendo ouvidos por alguém da instituição sobre esse tema, uma vez que os pesquisadores são servidores (técnico em assuntos educacionais e docente) que atuam diretamente com os estudantes. Entretanto, tal aspecto enseja maiores aprofundamentos em estudos posteriores.

Schönhofen e colaboradores (2020) estimam que 20% de todos os estudantes universitários no mundo, apresentem algum transtorno mental, destes a ansiedade figura como o mais prevalente, sendo que 80% desses transtornos tiveram início antes do ingresso na graduação. Seus resultados mostram prevalência de Transtorno de Ansiedade Generalizada entre os estudantes de 41%, valores quase 5 vezes maiores que os encontrados em pesquisas semelhantes com o público adulto. A pesquisa realizada por Souza (2020) com 334 estudantes de escolas particulares de Aracaju expôs que 61% deles demonstrava ansiedade, desta forma, corroborando com a fala dos estudantes aqui pesquisados que observaram grande frequência de ansiedade entre os pares.

Entre os adolescentes investigados há a compreensão de que os sinais e sintomas podem ser diferentes de pessoa para pessoa, contudo, ressaltam a taquicardia, pontada no peito, mãos e pés gelados, boca seca, falta de ar, punhos cerrados, autoagressão e sensação de que vai morrer, corroborando com o descrito por Souza (2020) que afirma ser frequente o aparecimento de sinais e sintomas diferentes em cada indivíduo, tratando-se de uma ocorrência que envolve diversos fatores (cognitivos, comportamentais, afetivos, fisiológicos, sociais e culturais), sendo mais comuns: taquicardia, sudorese, tontura, tremores, diarreia, déficit de memória e atenção, irritação, insegurança, desespero, retraimento social, diminuição de rendimento escolar ou profissional (American Psychiatric Association 2014; Estanislau; Bressan, 2014; Martins; Cunha, 2021; Souza, 2020).

Prevenimos que o aparecimento de algum dos sinais e sintomas não enseja um diagnóstico de transtorno de ansiedade, visto que todos possuímos a ansiedade como aspecto de defesa do organismo, sendo a vivência dela e o seu impacto sobre o cotidiano que vão diferenciar entre ansiedade saudável, nominada por Pinto (2021), ou ansiedade patológica, portanto, um diagnóstico preciso carece de uma avaliação por profissionais da área de saúde.

Como fatores causais da ansiedade os adolescentes apontam a projeção de uma vida perfeita, que perpassam pela aceitação social e a realização de uma boa faculdade, sendo tais elementos reforçados tanto por eles mesmos, como pela família e pela escola. Para tanto, compreendem que dependem de elementos do presente, como a classe social onde estão inseridos, a renda, a família, a escola e de como a pessoa se vê. Outro importante fator apresentado é a influência das redes sociais que, segundo eles, é um ambiente que os obriga a se comparar e a querer ser melhor que os outros, antes mesmo de ser o melhor para si, sendo ainda pior entre aqueles com baixa autoestima e insegurança.

A etiologia dos transtornos de ansiedade é complexa e multifatorial, com interação entre fatores psicológicos, biológicos, sociais e ambientais, podendo ser possível citar o desequilíbrio fisiológico, fatores genéticos, predisposição familiar, relacionamento familiar e estilo de criação ou estilos parentais, situações de tensão emocional, experiências vivenciadas e crenças pessoais (Silva Júnior; 2010; Silva, 2011; Teixeira, 2019; Pinto, 2021). Alguns destes fatores estavam presentes nos discursos identificados, evidenciando que os estudantes possuem algum conhecimento sobre os fatores relacionados à ansiedade.

O quadro 2 apresenta os DSCs a partir do questionamento sobre se os estudantes acreditavam que o Ifac de alguma forma contribui para o aumento da ansiedade ou, pelo contrário, o Ifac ajuda a diminuir a ansiedade, ponto que foram identificadas três DSCs a partir das ideias centrais categorizadas em “ajuda a causar a ansiedade”, “ajuda a causar, mas auxilia no enfrentamento” e “ajuda a combater a ansiedade”.

Quadro 2 - Apresentação das ideias centrais e dos DSCs sobre a contribuição do Ifac para aumento ou diminuição da ansiedade dos estudantes

Ideias Centrais (IC)	Discurso do sujeito coletivo (DSC)
A - Ajuda a causar ansiedade	O Ifac na maioria das vezes, ao meu ver ele, às vezes, ajuda muito a criar ansiedade, ajuda a desenvolver. No meu caso ajudou a desenvolver, eu já passava por problemas familiares antes e depois que eu entrei foi uma bomba, porque eu não queria entrar realmente, eu comia no banheiro nos primeiros meses. Bom, se a pessoa ela nunca teve, eu acho que ela vai começar a ter, saber, o que que é. Eu já tive muitas crises também, nesse começo por causa das aulas, porque tipo, eu não sabia como ia tá, eu já tinha planejado tudo, “cadê meu Deus como é que vai estar?” Aí eu comecei várias crises, aí quando começou eu fiquei tipo não era como eu esperava, aí eu já tive outra por causa disso, fui muito corrido também essas últimas semanas por causa das aulas. (DSC-A – respondentes: P2; P12; P13; P15; P16; P19;)
	O aluno já começa com medo de chegar atrasado e de pegar uma ocorrência. Daí você não tá entendendo a matéria, mas você é muito acanhado, não pega o assunto e tem vergonha de perguntar pro professor. E tem ainda se você é uma a pessoa, é, muito diferente, é muito falada pela sala, os alunos julgam muito, a pessoa fica com medo, não sabe o que fazer. Eu ficava muito preocupado com os trabalhos que tinha que apresentar na frente de todo mundo e acabava que eu me preocupava tanto que eu não conseguia apresentar. (DSC-A – respondentes: P2; P5;)
	Você tem que estudar porque se você não estudar, você não vai passar de ano, não ser ninguém na vida. Daí você pensa: não consigo essa matéria, não falo com professor, eu vou reprovar de ano. Tipo, na minha turma, totalmente sem reprovar nenhuma disciplina, só 13, só 13 alunos de 42, então você já tira por aí, mais ou menos como é que, como é que afeta. (DSC-A – respondentes: P2; P3; P4)
	O primeiro ano pesa bastante, pelo menos porque tinha aquela pressão dos alunos do segundo e do terceiro ano e acaba sendo tudo muito confuso porque é tudo muito novo, é uma realidade totalmente diferente de qualquer outra escola, foi muito difícil se adaptar. (DSC-A – respondentes: P1; P3; P12; P15;)
	O Ifac, assim, ele mais me ajudou a ter (ansiedade) pelo simples fato de que você já entra em desespero em saber das matérias né, tipo, você entra sem saber de nada, às vezes você não tem base de algumas, de alguns assuntos que vão ser tratado. Você chega já tem um monte de matéria, têm matérias que a gente não entende, tipo tem matéria que você sente uma pressão muito maior. A gente tem aquela questão da pressão de passar né, média 7, a gente tem as matérias do curso técnico. Essa é a visão que o ensino médio passa para a gente, é e assim quando você chegar lá, você vê que é, que as matérias de curso e as matérias normais estão bem puxadas e os professores puxam muito. (DSC-A – respondentes: P3; P4; P7; P9; P10; P15; P16;)
	O Ifac é desse jeito, tem o professor tal que faz isso, tantas pessoas reprovaram e pela construção que o aluno cria na cabeça dele aquilo mexe com ele, toda vez que ele ver aquele professor, toda vez que ele tá naquela matéria, isso é algo bem psicológico. “Meu Deus é um monstro!” Que, que eu vou fazer? Tipo, acho que afeta bastante o psicológico da pessoa, teve pessoas que saíram de provas só pelo o que as pessoas falavam do professor, assim que dava zero pra todo mundo, essas coisas, saíram de prova chorando. Têm alguns professores que já gosta de pisar mesmo, tipo, de pegar bem difícil, pegar bem pesado, se você não estudar, você tem que dar o seu melhor pra aquilo e assim os professores, eles sempre falam dentro de sala que passa quem estuda e quem estuda muito né.

	(DSC-A – respondentes: P1; P3; P4;) Eu penso: cara, se eu não passar no Enem? Que que eu vou fazer da minha vida? Que que eu vou fazer? Nossa, no terceiro ano vai ser o ano que eu tenho que passar no Enem, eu tenho que fazer uma faculdade, porque eu tenho que passar na federal, porque a melhor universidade, eu tenho que fazer isso porque meu futuro depende disso, aí já vem tudo aquilo de você pensar no seu futuro e de não ser nada, vai ser um bosta porque eu sou uma pessoa horrível, entendeu? (DSC-A – respondentes: P3; P7;) Você entra lá e ver aquele monte de gente desistindo, dá um desânimo em você, nos primeiros três meses da minha sala já saiu 8, começa por aí. (DSC-A – respondentes: P3; P16;)
B - Ajuda a causar, mas auxiliar no enfrentamento	É, parece seletivo de aluno para aluno, não tem como generalizar isso, porque acho que é muito cedo para poder falar: é o Ifac, não, não é o Ifac. É e eu, porque eu particularmente já passei pelas duas fases de o Ifac ser e de o Ifac ser o causador da dor e de o Ifac ser o remédio da dor, entendeu? Ele é o veneno e o antídoto junto, ele é o equilíbrio, sobre ansiedade. (DSC B – respondentes: P1; P9; P12;)
C - Ajuda a combater a ansiedade	O Ifac também contribui também para diminuir essa ansiedade, por exemplo, tem o psicólogo na escola né, essa questão tipo de ter o psicólogo no <i>campus</i>, coisas que a na maior parte das escolas, se você não for de escola privada né, é bem pouco provável de ter, apesar de muita gente não tem coragem de ir no psicólogo, inclusive eu tive uma amiga ela tava bem mal e ela não tinha coragem de ir, eu que tive que, é, falar com ela, não, vamos lá eu vou com você e não sei o quê e a gente tinha muitas oportunidade, agora que a gente tá com aula remota né, acaba cortando isso porque até, até presença dos nossos amigos né porque a gente acaba criando um vínculo muito grande com o pessoal. Ele muitas vezes é a nossa fuga, ele é nossa casa, o Ifac é nossa casa, ali a gente passa mais de 8 horas, fora o almoço, eu preferia estar no Ifac, eu ficava mais tempo no Ifac do que em casa, eu só vinha para casa para dormir. Na verdade, o IF mais me ajudou, eu tinha mais pessoas mais abertas para mim, eu consegui fazer amizades, pessoas mais compreensivas que nos outros lugares, nas outras escolas era muito, era muito complicado. Escola particular, pública, é era muito complicado e eu tinha umas crises de ansiedade, mas era entender de leve e tals, no meu caso, acho que mais me ajudou, a poder entender, a poder depois melhorar, tanto que hoje em dia quase não tenho mais crise. O Ifac é isso, ele tem um lado que você sente uma pressãozinha, mas tem um lado que você se diverte, que você faz amigos, que tem situações que você nunca teria em outra escola, como, por exemplo, você vai você tá ali com seus amigos fazendo um robô e você tá se divertindo, você tá fazendo códigos, mas você tá rindo, você tá comendo, você tá dormindo do chão do Ifac, você pode estar tem vários lados da moeda, sabe, que os dois lados da moeda, por mais que você tem a pressão ali, você tem uma fuga, você tem seus amigos para te ajudar, você tem a matéria que te deixa feliz, eu acho que estudando já a três anos no Ifac, eu comecei a não ver mais a pressão, eu via mais o lado divertido, tanto que eu sinto muita falta do Ifac, muita falta mesmo, por causa dessa diversão, dessa interação com os meus amigos. (DSC-C – respondentes: P1; P7; P9; P13;)

P = participante

Fonte: Elaboração própria (2021)

A maior parte dos participantes acredita que o Ifac possui fatores responsáveis pelo aparecimento da ansiedade, inclusive para fim de análise subdividimos essa categoria em: questões gerais; questões disciplinares e regimentais; medo ou vergonha do julgamento dos colegas ou professores; medo de reprovação; adaptação ao 1º ano do ensino médio; dificuldade nas disciplinas técnicas; exigência e atitudes dos professores; Enem e questões de

futuro; nível de desistência. Tais resultados corroboram os dados obtidos por Pacheco, Nonenmacher e Cambraia (2020) em pesquisa realizada no Instituto Federal Farroupilha com concluintes de cursos do Ensino Médio Integrado.

Os achados no quadro 2, DSC-B demonstram a visão de que apesar de possuir fatores associados com a ansiedade a instituição proporciona o auxílio para o combate e a superação da ansiedade. Já no DSC-C observamos a opinião positiva sobre o Instituto e as possibilidades que ele apresenta para enfrentar a ansiedade, tais como, possuir atendimento psicológico, apesar de ser demonstrado pelos estudantes certo receio em buscar tal ajuda. Os respondentes também apontam a escola como um lugar de fuga, chegando a intitulá-la como casa, onde permaneciam por mais de 8 horas diárias em períodos pré-pandêmicos, tecem comparação com as escolas de ensino médio públicas e particulares da região e mencionam como fatores positivos, a interação com os amigos, a oferta de almoço, a existência de projetos de ensino, pesquisa e extensão, tais como a robótica, o que reforça o benefício de tais políticas e programas, validando a sua implantação e permanência. Vale destacar que em nossas pesquisas teóricas não foram localizados dados que apontassem para tais achados associados às questões de enfrentamento da ansiedade, bem como, saúde mental dos estudantes de ensino médio integrado.

Retomando aos fatores associados ao surgimento da ansiedade entre os escolares apresentados no quadro 1, convém destacar que há a compreensão de que a família pode desempenhar importante papel no desenvolvimento da ansiedade e destacam que os valores adquiridos no seio familiar podem preparar ou desequilibrar o adolescente para o seu desenvolvimento no meio social. Contudo, observa-se que o Ifac, para os adolescente do ensino médio integrado, representa o mais desafiador de suas vidas, uma vez que atribui-se a este período como o principal marcador do seu temido futuro, pois é ali onde se dá conta da necessidade de definir seu futuro profissional e a garantia de uma formação superior que lhe permita uma vida bem sucedida, por isso, a preocupação em ser aprovado nas disciplinas, no Enem, e a definição da profissão que deverá seguir configuram entre os fatores mais ansiogênicos.

Vale considerar que o instituto federal possui características bem diversas das escolas em geral, tais como: currículo com maior número de disciplinas em virtude da integração da formação básica e profissional; associação de ensino, pesquisa e extensão e envolvimento do estudante com inovação tecnológica, elementos esses, segundo Faria (2017), fazem com que a vivência escolar nos Institutos em desgaste físico e mental.

Salientamos o contexto socioeconômico dos estudantes no Acre, uma vez que é o 3º estado brasileiro com menor população, estimada de 906.876 pessoas, faz fronteira com os estados do Amazonas e Rondônia e com os países Peru e Bolívia, foi classificado na 21ª colocação no IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), de acordo com dados de 2010 e no ano de 2020 ocupou a 19ª posição no ranking brasileiro de renda domiciliar per capita mensal, com R\$ 917,00 (Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística, 2021).

Dados de 2018 apontam que setor público é responsável por 40% dos empregos formais no Acre, representando uma expressiva dependência econômica desse setor, sendo a taxa de desocupação das pessoas com 14 anos ou mais a 3ª maior do país, com 5,3%. O Acre figura como um dos estados com maior proporção de jovens que nem estudam e nem trabalham, abrangendo 28,9% dos jovens de 15 a 29 anos. Responsável pela segunda maior taxa de pobreza do Brasil, em 2017, atrás apenas do Maranhão, com cerca de 27% da população (224 mil acreanos²) vivendo na linha de pobreza e 14% (116 mil cidadãos) na extrema pobreza. Além disso, dados de 2019 demonstram que 10,4% da população acreana era atendida pelo agora extinto Programa Bolsa-Família (Acre, 2019).

Tais fatores foram agravados pela pandemia, como pode ser observado no relatório sobre os Impactos Primários e Secundários da Covid-19 em Crianças e Adolescentes no Brasil, produzido pelo Unicef, em sua terceira rodada, realizada em maio de 2021, verificou que 41% dos respondentes, com 18 anos ou mais, relatou observar nos adolescentes o aparecimento de dois ou mais sintomas de transtornos mentais (Fundo Das Nações Unidas Para A Infância, 2021b).

Na questão da renda familiar, a pandemia causou redução da renda para 56% dos respondentes, entre aqueles que residem com crianças e adolescentes o impacto foi de 64% vs. 51% das famílias sem crianças. Impacto maior foi percebido entre as famílias com menores rendas, para quem recebe até um salário mínimo a redução foi de 80%. A influência da cor da pele também é gritante no citado relatório, a redução da renda entre famílias declaradas pretas e pardas foi 11% superior às brancas (61% vs. 50%) (*Idem*).

Quanto aos indicadores educacionais o Brasil foi um dos países que permaneceu por mais tempo com as escolas fechadas na pandemia de Covid-19, onde observou-se a influência dos padrões socioeconômicos nos perfis de acesso às aulas remotas. Por exemplo, 60% das famílias com renda de até um salário mínimo, as atividades escolares das crianças e adolescentes foram realizadas pelos estudantes com uso de celular de outra pessoa da família, sendo este o único equipamento tecnológico de uso possível para uma parte expressiva

⁵ Optamos pela utilização do gentílico “acreano” por uma questão de identidade regional reconhecida pela Lei Estadual nº 3.148, de 27 de julho de 2016 em detrimento à construção ortográfica “acriano” e suas variantes adotadas na reforma ortográfica da Língua Portuguesa de 2009 (ACRE, 2016).

daqueles declarados pretos ou pardos em comparação aos brancos. Cabe destacar, ainda, as condições de acesso às atividades remotas, 35% relatou dificuldades por falta de acesso à internet ou baixa qualidade de conexão (*Ibidem*). Diante desses dados é possível compreender a preocupação relatada pelos discentes de nossa investigação a respeito do planejamento em relação ao seu futuro.

Vale mencionar que a questão da ansiedade em concluintes do ensino médio perante a realização da prova do Enem é objeto de estudo de diversas pesquisas (Dias *et al.*, 2020; Felício *et al.*, 2019; Gonzaga, 2016; Pacheco; Nonenmacher; Cambraia, 2020; Schonhofen *et al.*, 2020; Soares; Martins, 2010), que apontam o ambiente de incerteza, a alta competição, a cobrança dos familiares, a autocobrança associada às expectativas com o futuro acadêmico e, conseqüente, com o futuro profissional figuram como agregadores (DIAS *et al.*, 2020; Martins; Cunha, 2021).

O *bullying*, outro fator citado pelos estudantes, é caracterizado por qualquer ação física e social intencional e repetida que cause dor e angústia a um estudante ou a grupo de estudantes, é um ato de violência que produz evidentes prejuízos à saúde física e mental das vítimas que poderão ter insegurança, ansiedade, medo, angústia, vergonha e prejuízo na sua capacidade de raciocínio e aprendizado (Perin; Godinho 2020; Pimentel *et al.*, 2020). Foi apontado por Pacheco, Nonenmacher e Cambraia (2019) que 43% dos estudantes consideravam que o *bullying* impactava diretamente o seu relacionamento interpessoal com os demais colegas e a vivência escolar. Pimentel, Méa e Patias (2020) identificaram uma correlação positiva entre a vitimização do *bullying* e a existência de sintomas de depressão, ansiedade, estresse e ideação suicida, permanecendo, inclusive, mesmo depois da ocorrência da ação de *bullying*.

A comunicação *online* trouxe à tona o *cyberbullying*, caracterizado por ações e mensagens hostis utilizando meios digitais, causando dano ou desconforto a indivíduos ou grupos, podendo ser mais devastador que o *bullying* convencional, pelas suas peculiaridades, como: anonimato, espaço de atuação mais abrangente, facilidade e menor tempo de disseminação, possibilidade de maior perpetuação no tempo (Pires *et al.*, 2020), embora não tenhamos observado diretamente esta forma de agressão nas falas dos estudantes, o *cyberbullying* pode ter sido potencializado quando da massificação das comunicações virtuais impostas pelo ensino remoto emergencial decorrentes da pandemia.

Outros fatores associados ao ambiente escolar, pontuados pelos estudantes desta pesquisa são a adaptação ao 1º ano, o choque com as novas disciplinas (principalmente as técnicas) e a exigência ou a postura de alguns professores. Nesta mesma linha, Soares e

Almeida (2020) apontam que os estudantes do 1º ano do Ensino Médio Integrado (EMI) enfrentam vários fatores ansiogênicos tais como: número maior de componentes curriculares, estudo em tempo integral, provas, pressões pelo bom desempenho por parte da escola e da família, além das mudanças inerentes à adolescência. Cabe salientar que o novo ambiente pode funcionar como motivador de ansiedade, até mesmo a falta de conhecimento do espaço físico, o medo de algum professor ou de não se adaptar ao regime escolar ou à metodologia de ensino (Faria, 2017).

A percepção do ambiente escolar pelos estudantes associada às experiências do contexto escolar pode causar problemas de saúde mental (Pacheco, 2019). Outro ponto destacado pela autora é a influência das relações interpessoais, quando avaliada como positiva podem promover o sentimento de segurança e autoestima, quando negativas podem ocasionar considerável sofrimento.

Souza (2020) salienta que toda aprendizagem é envolvida em certo nível de emoção e que situações não trabalhadas ou malconduzidas no contexto escolar podem gerar ou aumentar condições de ansiedade. As relações professor e aluno poderão influenciar na diminuição da motivação e interesse, problemas na aprendizagem e dificuldade de interação em sala de aula (Pacheco, 2019), além disso, o discente pode pressupor que está sendo perseguido pelo docente ou visualizar maior dificuldade na disciplina ministrada (Souza, 2020), conforme relatos apresentados no DSC-A, quadro 2.

Os adolescentes investigados também expuseram a preocupação com o rendimento acadêmico, com a adaptação ao regimento disciplinar e com o julgamento dos colegas de sala. No que se refere ao rendimento Tsunematsu, Pantoni e Versuti (2021) asseveram que além do estranhamento do rendimento obtido em comparação à escola anterior, os discentes ainda sofrem com os componentes curriculares que envolvem as exatas. A ansiedade no ambiente escolar é apontada como responsável por afetar diretamente o processo de aprendizagem e o rendimento acadêmico, uma vez que pode provocar a distração, reduzir a concentração e atenção, afetar a memória, interferir na capacidade de fazer correlações (Martins; Cunha 2021; Souza, 2020; Soares; Almeida, 2020).

É imprescindível assinalar que a escolha pela técnica de grupo focal *online* se mostrou acertada para o momento atual, apesar dos desafios impostos, tais como a ausência de proximidade ou a impossibilidade de acompanhamento das expressões não-verbais. Foi possível observar que o fato da moderadora e do observador serem conhecidos pelos participantes trouxe um maior grau de segurança e confiabilidade, tendo em vista que, muitos trouxeram relatos bem abrangentes sobre sua vida, inclusive manifestando a existência de diagnósticos de transtornos de ansiedade.

Considerações finais

Podemos identificar que os participantes possuem compreensão adequada a respeito do que é ansiedade, embora em alguns momentos a ansiedade normal e patológica não se diferenciem. Paradoxalmente, constatamos que os estudantes percebem que de alguma forma a instituição contribui para o surgimento e ou agravamento de sintomas ansiosos, mas também lhes oferece oportunidades e ações educacionais que amenizam o processo de adoecimento. Também observamos o reconhecimento da importância da interação com os colegas e do apoio familiar na questão da ansiedade.

Entre os fatores que contribuem para a ansiedade, os estudantes destacaram adaptação exigida ao ensino médio integrado ao técnico com elevado número de disciplinas (básicas e técnicas), a exigência dos professores e a expectativa da realização do Enem, também a pressão familiar e, muitas vezes, dos próprios estudantes pelo bom rendimento e sucesso profissional uma vez que o contexto socioeconômico local se apresenta desfavorável, ainda mais no contexto da pandemia de Covid-19.

Avaliamos que devido à abrangência da temática a respeito dos problemas e transtornos de ansiedade, cujo surgimento é considerado multifatorial, não foi possível esgotar neste manuscrito todo o conteúdo abordado nos grupos focais, principalmente, as situações que envolvem o uso prejudicial da internet, questões sociais e familiares e no contexto atual a pandemia de Covid-19. Outrossim, considerando a literatura envolvida, avaliamos a existência de alguns silenciamentos, tais como, a questão da violência, consumo de drogas e álcool. Tais temáticas devem ser objeto de estudos posteriores.

Desta forma, além das questões acima, nos parece pertinente refletir sobre as medidas e ações educacionais possíveis para auxiliar os estudantes no conhecimento e enfrentamento da ansiedade, também é importante inserir a ansiedade como temática no escopo das ações de formação continuada dos educadores docentes e não-docentes.

REFERÊNCIAS

ACRE. **Lei estadual nº 3.148, de 27 de julho de 2016**. Institui o termo “acreano” como gentílico oficial do Estado e o acresce ao conjunto de símbolos a que se refere o art. 8º da Constituição Estadual. Rio Branco. 2016. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/ac/lei-ordinaria-n-3148-2016-acre-institui-o-termo-acreano-como-gentilico-oficial-do-estado-e-o-acresce-ao-conjunto-de-simbolos-a-que-se-refere-o-art-8-da-constituicao-estadual> Acesso em: 08 jun. 2020.

ACRE. **Lei nº 3.589, de 19 de dezembro de 2019**. Dispõe sobre o Plano Plurianual do Estado do Acre para o quadriênio 2020-2023. Rio Branco, 2019.

ALVÂNTARA, A. M.; VESCE, G. E. P. As representações sociais no discurso do sujeito coletivo no âmbito da pesquisa qualitativa. *In: Congresso Nacional de Educação*. 2008. p. 2208-20.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5: manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. [online] Artmed Editora, 2014.

BARBOUR, R. **Grupos focais**. São Paulo: Artmed, 2009.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8.069/90. Brasília, DF: Presidência da República, 1991. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 22 nov. 2021.

BRETON, D. **Uma breve história da adolescência**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2017.

BRKANITCH FILHO, E. **Grupo focal on-line, mídia de divulgação interativa, sexualidade e educação de adolescentes**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação stricto sensu em Engenharia e Gestão do Conhecimento. Universidade de Santa Catarina. Florianópolis, 2012.

BRITO, J. de; LAUER-LEITE, I. D.; NOVAIS, J. S. de. **Discurso do sujeito coletivo na prática**. Porto Seguro: UFSB, 2021.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Uma a cada 4 crianças e adolescentes teve sinais de ansiedade e depressão na pandemia, aponta estudo. **Câmara dos deputados**. 17 jun. 2021. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/774133-uma-a-cada-4-criancas-e-adolescentes-teve-sinais-de-ansiedade-e-depressao-na-pandemia-aponta-estudo/>. Acesso em 20 jan. 2021.

DALBOSCO, S. N. P.; GROLLI, V.; WAGNER, M. F. Sintomas Depressivos e de Ansiedade em Adolescentes do Ensino Médio. **Revista de Psicologia da IMED**. Passo Fundo. v. 9, n. 1. p. 87-103, jan- jun. 2017.

DIAS, A. P. da S. et al. Saúde mental de adolescentes e jovens que se preparam para cursos de medicina: um estudo de caso em São Paulo, Brasil. **Humanidades e inovação**. Palmas, v.7, n. 5, p. 310 – 315, 2020.

ESTANISLAU, G. M.; BRESSAN, R. A. (orgs). **Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ESTRELA, Mafalda Pitta da Cunha Calçada. **As expressões vivenciais e comportamentais da ansiedade em adolescentes: fatores psicossociais associados ao risco e à proteção face à psicopatologia**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, 2018.

FARIA, A. A. G. de B. T. Experiências e sentidos da escola na perspectiva dos jovens no Instituto Federal de Alagoas – Ifal. In: NEGREIROS, F.; SOUZA, M.P.R. (Orgs.). **Práticas em psicologia escolar: do ensino técnico ao superior**. 1ª ed., vol.2, Teresina: EDUFPI, 2017. p. 78-94.

FELÍCIO, J. F. et al. Refletindo sobre a depressão e a ansiedade no contexto escolar; **Interface**. Juazeiro do Norte. v.8, n.1. p. 482-490, 2020.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **COVID-19 e saúde da criança e do adolescente**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2020. Disponível em:

<https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/atencao-crianca/covid-19-saude-crianca-e-adolescente/>. Acesso em: 19 jan. 2022.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. Impacto da Covid-19 na saúde mental de crianças, adolescentes e jovens é significativo, mas somente a ‘ponta do iceberg’. **Unicef**, 04 de outubro de 2021a.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. Impactos primários e secundários da Covid-19 em crianças e adolescentes: relatório de análise – 3º rodada. **Unicef**. 2021b.

GOMES, V. L. de O.; TELLES, K. da S.; ROBALLO, E. de C. Grupo focal e discurso do sujeito coletivo: produção de conhecimento em saúde de adolescentes. **Escola Anna Nery** [online]. 2009, v.13, n.4, p.856-862.

GONZAGA, L. R. V. **Enfrentando provas escolares: relações com problemas de comportamento e rendimento acadêmico no Ensino Médio**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e estados: Acre**. [online]; IBGE, 2021.

INSTITUTO FEDERAL DO ACRE. **Resolução nº 12/CONSU/IFAC**, de 21 de janeiro de 2020. Dispõe sobre a aprovação do Plano de Desenvolvimento Institucional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre 2020-2024. Rio Branco, 2020.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C.; MARQUES, M. C. da C. Discurso do sujeito coletivo, complexidade e auto-organização. **Ciência & Saúde Coletiva**. 2009, v.14, n.4, p. 1193-1204.

LOPES, C. S. et al. Erica: prevalência de transtornos mentais comuns em adolescentes brasileiros. São Paulo: **Rev. Saúde Pública**, v.50, sup (1), fev., 2016.

MALTONI, J. N. **Indicadores e comportamentos de saúde em adolescentes de 13 anos de Ribeirão Preto**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação stricto sensu em Psicologia. Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 2017. D

MARTINS, C. M. dos S.; CUNHA, N. de B. Ansiedade na adolescência: o Ensino Médio Integrado em foco. **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 41-61, 2021.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14.ed. – São Paulo: Hucitec, 2014.

MINAYO, M. C. de S.; COSTA, A. P. **Técnicas que fazem uso da palavra, do olhar e da empatia: pesquisa qualitativa em ação**. Aveiro: Ludomedia, 2019.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 11. ed. – Petrópolis: Vozes, 2015.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Folha informativa. Saúde mental dos adolescentes**. OPAS/OMS, 2018. Disponível em:

https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5779:folha-informativa-saude-mental-dos-adolescentes&Itemid=839. Acesso em: 20 nov. 2021.

PACHECO, E. **Os Institutos Federais: uma revolução na Educação Profissional e Tecnológica**. Natal: IFRN, 2010.

PACHECO, F. do A. **Saúde mental e o contexto escolar: percepções de um estudo de caso na educação profissional**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação stricto sensu em Educação Profissional e Tecnológica. Instituto Federal Farroupilha. Jaguarí, RS, 2019.

PACHECO, F. do A.; NONENMACHER, S. E. B.; CAMBRAIA, A. C. Adoecimento mental na educação profissional e tecnológica: o que pensam os estudantes concluintes de cursos técnico integrados. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S.l.], v. 1, n. 18.

PANDA, P. K. et al. Psychological and Behavioral Impact of Lockdown and Quarantine Measures for COVID-19 Pandemic on Children, Adolescents and Caregivers: A Systematic Review and Meta-Analysis. **Journal of tropical pediatrics**, 2021.

PERIN, C. C.; GODINHO, L. B. R. O Impacto do bullying no ambiente escolar: Danos psicológicos. **Educação Por Escrito**, v. 11, n. 2, p. e32576, 30 out. 2020.

PIMENTEL, F. de O.; DELLA MÉA, C. P.; PATIAS, N. D. Victims of bullying, symptoms of depression, anxiety and stress, and suicidal ideation in teenagers. **Acta Colombiana de Psicología**. [online]. v. 23, n.2, p.230-240. 2020.

PINTO, E. B. **Dialogar com a ansiedade: uma vereda para o cuidado**. 1. ed. – São Paulo: Summus, 2021.

PIRES, S.; VIEIRA, D.; CASTELLO BRANCO, M. *Dislike: Cyberbullying e Psicopatologia na adolescência*. **Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente**, Lisboa, v. 11, n. 1, p. 39–50, 2021.

PLATAFORMA NILO PEÇANHA – **PNP 2021 (Ano Base 2020)**. Disponível em: <http://plataformanilopecanha.mec.gov.br/2021.html>. Acesso em: 06 jan. 2022.

RAMOS, M. N. **História e política da educação profissional**. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014. (Coleção formação pedagógica; v. 5).

SCHONHOFEN, F. de L. et al. Transtorno de ansiedade generalizada entre estudantes de cursos de pré-vestibular. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria** [online]. v. 69, n. 3. p. 179-186, 2020.

SILVA JÚNIOR, E. A. **Comorbidades psiquiátricas associadas com transtornos de ansiedade em uma amostra de crianças e adolescentes**. Dissertação (Mestrado em Psiquiatria). Faculdade de Medicina. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

SILVA, A. B. B. **Mentes ansiosas: medo e ansiedade além dos limites**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

SOARES, A. B.; MARTINS, J. S. R. Ansiedade dos estudantes diante da expectativa do exame vestibular. **Paidéia** (Ribeirão Preto) [online]. v. 20, n. 45. p. 57-62, 2010.

SOARES, D. P.; ALMEIDA, R. R.. Intervention and management of anxiety in students of the integrated high school. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 10, p. e3789106457, 2020.

SOUZA, C. M. de. **Ansiedade e desempenho escolar no ensino médio integrado**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação stricto sensu em Educação. Universidade do Vale do Sapucaí (Univás). Pouso Alegre, 2020.

TEIXEIRA, G. **Manual dos transtornos escolares: entendendo os problemas de crianças e adolescentes na escola**. 10. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2019.

TSUNEMATSU, J. de P. J.; PANTONI, R.; VERSUTI, F. M. Saúde mental discente na educação profissional e tecnológica: experiências de estudantes e docentes dos cursos técnicos integrados. **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 70-90, 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Depression and Other Common Mental Disorders: global health estimates**. Geneva: World Health Organization, 2017. Disponível em: http://www.who.int/mental_health/management/depression/prevalence_global_health_estimates/en/. Acesso em: 07 dez. 2021.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre (Ifac) que por intermédio da sua Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação, fomentou a presente pesquisa através do Edital nº 11/2020/PROINP/IFAC de auxílio a projetos de pesquisa para cursos de pós-graduação.

Sobre os Autores

Weysla Paula de Souza Lopes Dutra

<http://lattes.cnpq.br/7501917789555979>

Mestre em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) no IFAC. Possui MBA em Gestão Pública (Universidade Anhanguera-Uniderp, 2017). Graduada em Letras - Português pela UNINORTE (2008). Atualmente é técnica em assuntos educacionais vinculada ao Departamento dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio do Campus Rio Branco - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre.

Dr. Cledir de Araújo Amaral.

<http://lattes.cnpq.br/6838016040199595>

Possui graduação em Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Acre (2004), especialização em Gestão e Administração do Esporte e Lazer pelo Instituto de Ensino Superior do Acre (2005), mestrado em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Acre (2014), doutorado em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca da Fundação Oswaldo Cruz (2018) e Pós-Doutorado em Saúde Pública na Ensp/Fiocruz. É docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre, Campus Rio Branco, onde desenvolve ações de Ensino, Pesquisa e Extensão. Docente do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT/Ifac). Tem experiência nas áreas: Educação Profissional, com ênfase em Práticas Educativas; Educação Física, com ênfase em educação física escolar; e Saúde Coletiva, com ênfase em epidemiologia. Atua principalmente nos seguintes temas: educação profissional, cultura corporal de movimento, capoeira, atividade física e saúde, qualidade de vida, epidemiologia das doenças crônicas e agravos à saúde.